

## EMPATIA POR CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: EXPERIÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR

Guilherme Moreira Martins <sup>1</sup>  
Ana Flávia Rodrigues Alves <sup>2</sup>  
Erico José Cruz Souza Júnior <sup>3</sup>  
Lilian K. de S. Galvão (orientadora)<sup>4</sup>

### RESUMO

A vulnerabilidade social é uma condição associada à exposição a riscos que comprometem o desenvolvimento humano, afetando especialmente crianças em aspectos físicos, educacionais, sociais e emocionais. Crianças em situação de vulnerabilidade frequentemente enfrentam contextos adversos sem o suporte necessário, o que torna seu percurso de vida mais desigual e desafiador. Nesse cenário, a empatia – entendida como a capacidade de se sensibilizar com a dor do outro e adotar sua perspectiva – torna-se fundamental para a valorização e o reconhecimento dessas vivências. Com o objetivo de promover a sensibilização empática em estudantes universitários em relação a crianças em vulnerabilidade social, foi realizada uma intervenção baseada na estratégia racional-afetiva de L. Galvão, fundamentada no Psicodrama. A intervenção seguiu quatro etapas: aquecimento, dramatização, compartilhamento e comportamento pró-social. Participaram da intervenção 32 estudantes do curso de Psicopedagogia, em uma atividade conduzida em sala de aula com duração aproximada de 30 minutos. A análise dos registros em diário de campo indica que a intervenção contribuiu para ampliar a percepção empática dos participantes, auxiliando-os a se colocarem no lugar das crianças em situação de vulnerabilidade. Dessa forma, destaca-se a relevância de estimular a sensibilidade empática entre futuros profissionais da Psicopedagogia, considerando seu papel fundamental na promoção de um aprendizado mais inclusivo e no suporte a crianças nos diferentes contextos.

**Palavras-chave:** Vulnerabilidade social, Empatia, Crianças, Ensino Superior.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, gmm@academico.ufpb.br;

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, ana.flavia4@academico.ufpb.br;

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, erico.junior@academico.ufpb.br;

<sup>4</sup> Professora orientadora: doutora em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, liliangalvao@yahoo.com.br.



## INTRODUÇÃO

Entende-se que a vulnerabilidade social é um processo no qual uma pessoa ou grupo se torna mais exposto a riscos sociais, como a violência e a exclusão, a partir da dificuldade de acesso a bens essenciais, como alimentação e moradia (SOUZA; PANÚNCIO-PINTO; FIORATI, 2019). Nota-se que esse grupo é colocado à parte da sociedade, como ocorre em periferias e em situações de rua. Indivíduos que nascem em contextos marginalizados, marcados pela exclusão social e pela baixa ou inexistente visibilidade social, possuem opções limitadas quanto ao acesso à educação de qualidade, emprego, saúde e lazer. Essa realidade se perpetua ao longo do tempo, afetando todas as etapas do desenvolvimento humano e reforçando o ciclo de exclusão. Em um contexto marcado por grande disparidade no acesso a recursos, as famílias enfrentam dificuldades em garantir o cuidado às suas crianças.

Diante dessa realidade, torna-se fundamental pensar em estratégias que desenvolvam a empatia como um recurso humanizador. Neste estudo, a empatia é definida, segundo Hoffman (2003), não apenas como um entendimento racional ou cognitivo, mas como uma vivência emocional sentida, correspondente àquilo que o outro está passando, em que o indivíduo se coloca emocionalmente no lugar do sujeito experienciador da situação.

O psicodrama apresenta-se como uma ferramenta, com diversas formas de aplicação, não se restringindo a um único modelo. Trata-se de uma prática guiada, e não improvisada. Seu método central é a dramatização, a qual envolve a encenação de sentimentos, relações e situações vivenciadas pelo sujeito ou pelo grupo, de maneira prática, e não meramente teórica, com potencial para promover o crescimento pessoal. Como afirma Moreno:

Toda a vida é exposta, com todas as suas complicações mútuas, na dimensão temporal, nenhum momento, nenhum instante dela sendo extinto; cada momento de tédio é rédito, cada interrogação, cada crise de ansiedade; cada momento de íntimo recolhimento, de ensimesmamento, regressa à vida. (MORENO, 1992, p. 77)

Neste trecho, ressalta-se como as experiências humanas são revividas pelo psicodrama e, mesmo que o ser humano tente esquecer algumas vivências, da mais marcante até a mais simples, através da prática psicodramática consegue reviver experiências vividas com o objetivo de ressignificar esses momentos, e assim compreender melhor seus sentimentos.

Especificamente, na técnica racional-afetiva, de L. Galvão, os participantes não são levados apenas a refletir logicamente sobre as situações, mas também a mobilizar seus sentimentos e vivências emocionais durante o processo. A técnica estimula que se coloquem



no lugar do outro, com o objetivo de ampliar a empatia por meio de recursos psicodramáticos (Galvão, 2010; Galvão; Dutra; Bezerra, 2022) .

## **METODOLOGIA**

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa-intervenção de natureza qualitativa, com foco na compreensão das vivências e percepções dos participantes a partir de uma experiência guiada. A intervenção foi realizada com 32 estudantes do curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em um encontro conduzido em sala de aula, com duração aproximada de 30 minutos.

A atividade desenvolvida foi baseada na técnica racional-afetiva, proposta por L. Galvão. Dividiu-se em quatro etapas: aquecimento, dramatização, compartilhamento e comportamento pró-social.

Os registros da intervenção foram realizados por meio de um diário de campo, que serviu como instrumento principal para a coleta de dados. As observações anotadas priorizaram as reações emocionais, falas espontâneas e comportamentos durante a atividade. A escolha por uma abordagem qualitativa justifica-se pelo interesse em acessar os sentidos subjetivos atribuídos pelos participantes à vivência proposta.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O aquecimento é a primeira etapa de uma sessão de psicodrama, com o objetivo de preparar os participantes emocionalmente para a dramatização, permitindo que o espaço seja livre de repressões e favoreça a espontaneidade. Todos os sentimentos são considerados válidos no processo e não devem ser inibidos.

No encontro em questão, o aquecimento foi dividido em duas partes. Na primeira parte, os participantes foram convidados a fechar os olhos e ouvir atentamente uma rima que seria recitada. A rima descrevia sentimentos, sensações e angústias vivenciadas por pessoas em situação de vulnerabilidade social, especialmente aquelas que vivem nas ruas sem amparo ou apoio.

Já sentiu o vento cortar a pele?  
O frio da noite que ninguém repele?  
O olhar que passa, mas não te vê,  
Como se você nunca fosse nascer?  
Já pediu um pão e recebeu silêncio?  
Já sentiu que o mundo é um grande desprezo?  
Onde passos apressados desviam de ti,  
Como se sua sombra pudesse ferir?



Já tive nome, já tive lar,  
 Hoje é só sombra, ninguém quer notar.  
 Voz sufocada, história esquecida,  
 No meio da pressa, a dor reprimida.  
 Já dormiu sem teto, sem chão, sem lar?  
 Onde o céu é o teto que pode molhar?  
 Já viu a esperança sumindo no ar?  
 Será que um dia vai melhorar?  
 Ou será que, pra todos, eu já morri,  
 Antes mesmo de dizer que vivi?  
 (Rima de autoria própria, elaborada para fins didáticos.)

Na segunda etapa do aquecimento, foi exibido um vídeo com trechos da série da Netflix “Os Quatro da Candelária”, que narra a história de quatro crianças sobreviventes da Chacina da Candelária, ocorrida no dia 23 de julho de 1993, no Rio de Janeiro. Cada episódio da série retrata, de forma profunda e sensível, a trajetória dessas crianças em situação de vulnerabilidade social. Algumas delas tinham famílias e sonhavam com um futuro melhor, mas, por viverem em contextos de pobreza extrema e abandono, encontraram na Igreja da Candelária um refúgio. Essas crianças, privadas de cuidados básicos, moradia, alimentação e assistência social, estavam expostas diariamente a situações de risco e insalubridade. Na noite da chacina, duas dessas crianças foram brutalmente assassinadas, tendo seus sonhos interrompidos de forma trágica. O vídeo serviu como um recurso de sensibilização, permitindo que os participantes se conectassem emocionalmente com a realidade retratada e refletissem sobre os impactos da exclusão social.

A dramatização constitui a etapa central do psicodrama, consistindo na construção de uma situação específica que possibilite aos participantes a expressão emocional. Essa segunda etapa também foi dividida em duas partes. A primeira parte se tratou de uma fantasia dirigida. A fantasia dirigida envolve o uso da imaginação ativa para o acesso a conteúdos internos, a partir do estímulo verbal do facilitador da sessão. No encontro em questão, foi utilizado o seguinte roteiro:

“É noite.

O vento gelado toca seu rosto.

Você está sentado na calçada, a rua iluminada por postes amarelados.

O chão é duro, frio.

Suas costas doem.

Um carro passa em alta velocidade, levantando poeira e jogando luz nos seus olhos.



As pessoas andam apressadas, desviam de você sem nem perceber.

Alguém aperta a bolsa quando se aproxima.

Sua barriga ronca.

Você olha ao redor e vê restos de comida no chão.

Ao lado, um cachorro magro te encara.

Vocês dois compartilham a fome e o silêncio.

Você se levanta e caminha pelas ruas.

O cheiro de comida escapa de um restaurante.

Você se aproxima da porta e sente o calor vindo lá de dentro.

As pessoas conversam, riem, comem.

Você pede algo... mas ninguém responde.

Somente um olhar impaciente, uma porta se fechando.

Suas roupas estão sujas.

Sua pele, fria.

Suas memórias, distantes.

Afinal... há quanto tempo ninguém te chama pelo nome?

(Pausa de alguns segundos)

Agora, devagar, volte ao presente... Respire fundo...

Abra os olhos.”

(Roteiro criado pelos facilitadores da intervenção)

A segunda parte da dramatização consistiu em uma encenação intitulada “E se eu fosse ele?”, construída colaborativamente com o grupo participante. A proposta consistia na seguinte dinâmica: um dos integrantes assumia o papel de uma pessoa em situação de rua, enquanto outros dois representavam o público que observa essa cena. O participante que representava a pessoa em situação de rua permanecia em silêncio, expressando-se exclusivamente por meio de gestos e expressões faciais, em resposta às falas proferidas pelos outros dois participantes. As frases ditas foram escritas pelo próprio grupo e tinham o objetivo de representar pensamentos comuns da sociedade diante de pessoas em vulnerabilidade social, como:

“Ele está ali de novo. Será que é de verdade ou só mais um pedindo dinheiro para gastar com outra coisa?”



“Se eu der dinheiro, ele pode comprar droga. Melhor fingir que não vi.”

“Que cheiro horrível... como alguém aguenta viver assim?”

“Será que ele tem família? Ou será que fez algo errado para estar aí?”

Ao final da encenação, o participante que representava a pessoa em situação de rua dirigia o olhar diretamente ao público e estendia a mão, como se pedisse algo. Nesse momento, os outros dois atores congelavam a cena, também voltando o olhar para o público, deixando em aberto a provocação: qual seria a sua reação?

O compartilhamento é a terceira etapa da sessão, tendo como objetivo levar os participantes a refletirem sobre o que sentiram a partir da dramatização, identificando quais aspectos da experiência despertaram sentimentos. Cada participante deve falar de si, e não julgar os outros. É importante destacar que o foco, neste momento, não está na discussão da cena em si, mas no que ela provocou internamente em quem a assistiu. Durante essa etapa da nossa intervenção psicodramática, que teve como eixo temático as vivências de crianças em vulnerabilidade social, os 32 alunos do curso de Psicopedagogia foram convidados a compartilhar o que sentiram e refletiram a partir da experiência dramatizada. Muitos relataram que puderam acessar sentimentos de abandono, medo, invisibilidade e desejo de acolhimento. Foi unânime a percepção de que a atividade despertou um olhar mais empático, além de ampliar a consciência sobre a importância do trabalho psicopedagógico humanizado. Os relatos a seguir evidenciam como a experiência impactou os participantes:

A cena me fez lembrar de histórias reais que acompanho no projeto social onde atuo. Eu me senti atravessada. Esse tipo de vivência nos lembra que empatia não é só uma ideia bonita, é uma atitude que precisa ser construída na escuta. (G., sexo feminino, estudante de Psicopedagogia)

A pauta da infância vulnerável precisa estar presente sempre na nossa formação. Reforçou em mim a necessidade de agir com mais sensibilidade e menos julgamento. (M., sexo masculino, estudante de Psicopedagogia)

A experiência foi um chamado à responsabilidade. Me vi diante da dor do outro e senti que preciso rever como venho me posicionando como futura psicopedagoga. (E., sexo feminino, estudante de Psicopedagogia)

Entendi que empatia não é só sentir pelo outro, é fazer o esforço real de compreender a história que ele carrega. (L., sexo feminino, estudante de Psicopedagogia)

Esses relatos demonstram que a vivência psicodramática, além de promover aprendizado emocional, funcionou como um catalisador para a construção de um olhar psicopedagógico



mais ético e transformador.

O comportamento pró-social encerra o processo psicodramático, com foco na estimulação de ações voltadas ao bem-estar do outro, a partir da temática trabalhada na dramatização, evidenciando empatia e solidariedade. Como parte da etapa voltada ao comportamento pró-social, os mediadores elaboraram um folder informativo sobre projetos sociais que atuam com crianças em situação de vulnerabilidade social na cidade de João Pessoa. O material foi apresentado aos participantes ao final da intervenção, com o intuito de sensibilizá-los para ações solidárias e de engajamento comunitário, além de oferecer informações práticas sobre como colaborar com tais iniciativas

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu refletir sobre o uso do psicodrama, especialmente da técnica racional-afetiva, como ferramenta no desenvolvimento de empatia em contextos formativos. A principal contribuição deste trabalho é a articulação entre a teoria psicodramática e a prática educativa, oferecendo uma proposta metodológica capaz de promover empatia de maneira vivencial. Entre as limitações do estudo, destaca-se a brevidade da intervenção, com duração limitada e apenas um único encontro, restringindo a avaliação de impactos mais duradouros. Futuros estudos podem ampliar a abordagem por meio de intervenções longitudinais e utilizando instrumentos complementares de avaliação, a fim de aprofundar a compreensão dos efeitos da técnica no ambiente universitário.

## REFERÊNCIAS

GONÇALVES, Anna Beatryz Vieira et al. Empatia por adolescentes em conflito com a lei: pesquisa-intervenção realizada com estudantes universitários. In: CONEDU, VII, 2020, Campina Grande (PB). Anais do VII CONEDU – edição online. Campina Grande: Realize Editora, 2020. p. 123-135. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/68490>. Acesso em: 8 jun. 2025.

DUTRA, Marília Pereira et al. **Promoção da empatia para redução de comportamentos agressivos:** análise do grupo focal. In: Anais VI CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 24 out. 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/62282>](<https://editorarealize.com.br/artigo/vis>



[ualizar/62282](#)>. Acesso em: 8 jun. 2025.

FERNANDES, Vandro Antonio; CENCI, Cláudia Mara Bosetto; GASPodini, Icaro Bonamigo. **Intervenções em psicodrama: uma revisão sistemática**. Revista Brasileira de Psicodrama, v. 29, n. 1, p. 4–15, fev. 2021. Disponível em: <<https://www.revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/463>>(<<https://www.revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/463>>. Acesso em: 8 jun. 2025.

NETFLIX. **Os Quatro da Candelária**. Direção: Mônica Almeida e Livia Perez. Brasil: Netflix, 2022. Série documental. 4 episódios. Disponível em: <<https://www.netflix.com>>. Acesso em: 8 jun. 2025.

GALVÃO, Lilian Kelly de Sousa. **Desenvolvimento moral e empatia: medidas, correlatos e intervenções educacionais**. 2010. 300 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7012>>(<<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7012>>. Acesso em: 8 jun. 2025.

GALVÃO, L.; DUTRA, M.; BEZERRA, V.. **O desenvolvimento da empatia: conhecimento teórico e prático para profissionais da educação**. E-book VII CONEDU 2021 - Vol 03... Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/82232>>. Acesso em: 24/07/2025

MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1992.

SOUZA, Larissa Barros de; PANÚNCIO-PINTO, Maria Paula; FIORATI, Regina Célia. **Crianças e adolescentes em vulnerabilidade social: bem-estar, saúde mental e participação em educação**. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, São Carlos, v. 27, n. 2, p. 251–269, 27 jun. 2019. DOI: 10.4322/2526-8910.ctoAO1812.

